

# marca atos nos Estados

Froes Digital



Rogério (Minas Gerais) com o governador mineiro Antônio Anastasia no ato em Belo Horizonte

Felipe Rosa



Paraná: Butka, Clementino e diretores da Força receberam o governador paranaense Beto Richa no ato em Curitiba

Força Sindical-MT



Manoel de Souza (MT) conclamou os trabalhadores a aderir à luta sindical

Força Sindical-GO



Xepa e Rodrigo (Goiás) comandaram o ato político e a festa na cidade de Anápolis

Força Sindical-MG



Ipatinga: Luiz Carlos, presidente do sindicato dos metalúrgicos, destacou a agenda da classe trabalhador

Força Sindical-MG



O 1º de maio em Uberlândia-MG reuniu ato político e sorteio de motos, bicicletas e televisores



O diretor da Força Sindical Geraldino dos Santos e Marcos Sérgio (PE) comandaram o 1º de maio em Olinda

José Albeiro Santos

Força Sindical-AL



Gima e Pedrinho (metalúrgicos de São Paulo) representaram a Força Sindical em Alagoas

Valdemir Amorim



Idelmar Lima e diretores da Central de MS defenderam as bandeiras de luta do movimento sindical

Força Sindical-AM



No Amazonas, Filizolla e Lacerda defenderam as ações dos trabalhadores para melhorar de vida

Força Sindical-SC



Em Santa Catarina, o 1º de maio foi em Itajaí, onde Mafra reafirmou ser preciso intensificar a luta



# Trabalhadores recorrem à greve por PLR e aumento real de salário



André Neijma

A luta pelo benefício vai durar o ano inteiro na base dos metalúrgicos de São Paulo, afirmou o presidente da entidade, Miguel Torres.

Em Mogi Guaçu (SP), os servidores municipais estão em greve há mais de 20 dias para fechar a convenção coletiva. Depois de 36 dias de greve, os servidores municipais de Americana conquistaram 7,5% de reajuste salarial. Também em campanha salarial, os trabalhadores do setor de carnes do Estado de São Paulo decidiram cruzar os braços, depois de rechaçarem aumento real de 0,5% oferecido pelos patrões.

A queda de braço entre os trabalhadores da unidade da Volkswagen, de São José dos Pinhais, mostra um radicalismo patronal só comparável ao que ocorria no regime militar, quando os empresários, diante das reivindicações trabalhistas, reagiam chamando a polícia.

Sérgio Butka acusa a Volkswagen de não querer negociar os R\$ 12 mil de PLR pleiteados pelos empregados da unidade paranaense por uma questão meramente política. Segundo ele, a empresa usa incentivos fiscais para investir em outras unidades fabris, como os R\$ 6 bilhões direcionados para

Butka comanda assembléia na Volvo, cujos trabalhadores cruzaram os braços por três dias

O movimento sindical acredita que as negociações salariais com os empresários estão bastante difíceis no início de 2011 e já tem a percepção de que aumentou o número de greves em comparação ao mesmo período do ano passado. Os patrões culpam inflação alta e os ganhos salariais obtidos nos últimos

meses pela posição intransigente. Alegam, ainda, que os salários superaram a produtividade este ano.

Algumas categorias ainda não conseguiram conquistar a PLR, enquanto outras buscam repor a inflação, conquistar aumento real de salário e manter e ampliar benefícios. Em São José dos Pinhais, na

Grande Curitiba, a greve dos 3,6 mil metalúrgicos por R\$ 12 mil de PLR já dura quase 15 dias, informou o presidente do sindicato dos metalúrgicos, Sérgio Butka.

Os 4 mil funcionários da Volvo também cruzaram os braços, enquanto os 6 mil empregados da Renault conquistaram a PLR sem paralisação.



Fique informado sobre o mundo do trabalho:

[www.fsindical.org.br](http://www.fsindical.org.br)

[www.twitter.com/centralsindical](http://www.twitter.com/centralsindical)





Fotos Nilton de Oliveira

A greve dos metalúrgicos da Volkswagen deve-se à intransigência patronal, que se recusa a negociar

a fábrica de São Bernardo do Campo, no ABC paulista, classificada como "deficitária". O sindicato fechou acordos de PLR com a Volvo (R\$ 15 mil) e Renault (R\$ 12 mil).

## BAHIA

Algumas categorias conseguiram aumentos reais significativos. Segundo Adalberto Galvão, presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Construção Pesada da Bahia, e secretário-geral da Confederação Nacional da categoria, os 32 mil funcionários do setor em seu estado conquistaram 6% de aumento real. Os que trabalham na área de montagem tiveram 12% de reajuste salarial e os que atuam em obras de portos e aeroportos, 11,3%.

Na construção civil de São Paulo, os 370 mil trabalhadores obtiveram reajuste de 9,75% (aumento real de 3,4%), o maior obtido até agora, segundo o presidente do sindicato da categoria, Antonio de Sousa Ramalho. O reajuste salarial dos 100 mil frentistas do Estado de São Paulo alcançou 9% (aumento real de 2,71%), segundo Antonio Porcino Sobrinho, presidente da Federação Nacional dos Frentistas (Fenospetro).

O sindicalista afirmou que foram fechadas negociações

em vários estados, como: Goiás (reajuste de 17%); Mato Grosso (9,6%); Rio de Janeiro (12%) e Brasília (9,6%). No Sergipe, o piso salarial subiu para R\$ 741, tíquete refeição R\$ 7,50 e abono alimentação de R\$ 50; no Paraná, piso de R\$ 853 e Mato Grosso do Sul, R\$ 950; e no Maranhão (9,4% de aumento).

Os 15 mil farmacêuticos do Estado de São Paulo, conquistaram 7,7% de reajuste nos salários, correspondendo a 1,3% de aumento real, até o teto de R\$ 4.950,00, acima desse valor, a parcela fixa de R\$ 381,15. Na área da alimentação, o reajuste dos trabalhadores do setor de bebidas do Estado de São Paulo foi de 7,4% (1% de

aumento real). A PLR chegou a R\$ 1.020, que será paga em duas parcelas em julho e dezembro. O piso de admissão passou para R\$ 900,00 com correção de 9%.

Os metalúrgicos da GM de Gravataí (RS), com data-base em abril conseguiram aumento de 10,5% (3,95% de aumento real), PLR de R\$ 6.200 e abono de R\$ 2 mil. "Foi um dos maiores acordos da nossa base", declara Edson Dorneles, coordenador do Sindicato dos Metalúrgicos da cidade.

## SERVIDORES MUNICIPAIS

No Estado de São Paulo, o reajuste salarial dos servidores municipais de Guarulhos será de 6,3% para quem ganha até R\$ 2.100,00. Em Nova Odessa, reajuste foi de 6,39%; em Itu, 6,36%; em Boituva, 8%; Guaíra, 7%; Santa Gertrudes, 6,34%; Suzano, 6%; Espírito Santo do Pinhal, 7%; Tietê, 6,31% e Amparo, 5,41%. Em Palmas (TO), os servidores terão reajuste de 6,5%.

## IGUALDADE

As conquistas não se resumiram a reajustes salariais. A Fetiasp e os sindicatos filiados conseguiram a Igualdade Sala-



Jaécio Santana

Araújo fez acordo para acabar com as diferenças salariais entre homens e mulheres

rial e de Oportunidade - antiga reivindicação das mulheres do movimento sindical para acabar com as diferenças salariais entre trabalhadoras e trabalhadores que chegam a 30%. "O segmento de bebidas emprega cerca de 11 mil trabalhadores no Estado, quase a metade é mulher", declara Melquíades Araújo, presidente da entidade.

Há muitos anos o movimento sindical tenta negociar esta cláusula com os patrões e conseguiu negociá-la pela primeira vez. A cláusula estabelece que "não haverá desigualdade de remuneração, promoção, ou condições de trabalho por motivo de sexo, raça, religião ou convicções político-partidária".



Playpress-Assessoria de Imprensa

Metalúrgicos da GM aprovam proposta de acordo coletivo e de PLR negociada pelo sindicato e apresentada por Dorneles e desistem da greve



# O 1º DE MAIO E A LUTA PELA REDUÇÃO DA JORNADA

**E**m 1º de maio de 2011 comemoramos o 125º dia internacional do trabalhador. No Brasil este foi um dia especial, brindado com uma atividade unitária, como há muito tempo não se via. Força Sindical, CTB, UGT, CGTB e NCST defenderam as bandeiras pelo fim do fator previdenciário, pela regulamentação da terceirização, pela reforma agrária, pela valorização do salário mínimo, pelo trabalho decente, pela valorização do servidor público e a histórica bandeira pela redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais.

Esta última, em especial é uma luta que está na raiz na afirmação do 1º de maio como dia do trabalhador.

A data remonta a um processo de indignação e lutas que se inicia com o advento da Revolução Industrial na Inglaterra, no século XVIII. Tal processo sacrificou o trabalhador braçal, acostumado à vida rural, ditada pelas leis da natureza.

## A MISÉRIA LEVA À ORGANIZAÇÃO

A artificialidade proporcionada pela estrutura industrial, que não diferenciava a noite e o dia, significou mais horas de produção. E este aumento da jornada de trabalho e maior exigência nos resultados (neste período passa a haver produção em massa, no primeiro momento de tecidos e produtos básicos) acentuou a situação dura e miserável do trabalhador. No pouco tempo em que não estavam servindo à produção capitalista, homens, mulheres e crianças subsistiam em condições horríveis e com salários medíocres.

A partir desta miséria, o operariado buscou se organizar e a reagir às injustiças sociais. Com o tempo, por volta de 1820, começaram a aparecer as primeiras associações sindicais, as Trade Unions, na Inglaterra. Tais associações, entre outras importantes conquistas, conseguiram que, a partir de 1º de maio de 1848, a jornada de trabalho fosse regulamentada em 10 horas diárias.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Naquele mesmo ano os célebres teóricos Karl Marx e Friedrich Engels lançaram o Manifesto Comunista, marcando um importante período de organização e resistência. A contundência de suas palavras de ordem nos dá a dimensão do sentimento de injustiça que o

por: **Carolina Maria Ruy\***



trabalhador experimentava naquele contexto. Com uma linguagem simples e acessível, o Manifesto, buscou conscientizar o operariado de seu papel histórico. Nesta linha reivindicatória, foi realizado em Londres, em 28 de setembro de 1864, o encontro inaugurado pelo próprio Karl Marx, que terminou com a fundação da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), conhecida posteriormente como a Primeira Internacional.

Do outro lado do Atlântico a relação “patrão X empregado” também fervia. Chicago (EUA), que já em meados do século XIX era uma cidade industrial, centralizava os conflitos entre os “Defensores da Ordem”, na repressão do movimento operário a serviço dos patrões, e os Cavaleiros do Trabalho (Knight of Labor), criado em 1869, que a partir de 1881, contou com apoio da American Federation of Labor (AFL – que a partir da fusão com a CIO se transformou na atual AFL-CIO).

## JORNADA DE 8 HORAS DIÁRIAS

A principal causa que movia os trabalhadores americanos era, também, a jornada de trabalho de 8 horas diárias. Para isso, em 1884 a AFL promoveu um congresso em Chicago, no qual traçou um plano estratégico para pressionar governo e patrões.

Àquela altura o 1º de maio já figurava no imaginário do trabalhador como uma data emblemática. Por isso este foi o dia, do ano de 1886, estipulado para o cumprimento da meta. Caso não fosse atingida, a Federação propunha uma greve

geral nacional. Encampado pela AFL e pelos Cavaleiros do Trabalho, o plano gerou grandes mobilizações e até boas negociações. Em 1º de maio de 1886 o movimento explodiu. Mesmo sem a adesão da maior parte dos trabalhadores, seu simbolismo foi imenso.

A greve permaneceu alguns dias, debaixo de muita violência por parte da polícia, levando a mortes de trabalhadores e dos seus principais líderes: Spies, Parsons, Engel e Fisher (condenados e executados em 11 de novembro de 1886), além da destruição de lares e sedes de sindicatos. O dia ficou marcado na história e na memória de cada trabalhador. O 1º de maio nunca mais seria um dia qualquer. Em 1891, na Segunda Internacional, em Bruxelas, o 1º de maio foi estabelecido, enfim, como o dia internacional dos trabalhadores.

\*Carolina Maria Ruy é jornalista, coordenadora de projetos do Centro de Cultura e Memória Sindical